

COLUNA DIÁRIA DO PCO

JUNHO DE 2008

BRASIL

CAPA

CAPA 02

CARTA DO EDITOR

CARTAS

CIDADE

COMPORTAMENTO

ECONOMIA

EDUCAÇÃO

ENTREVISTA

ESTÉTICA

ESTILO DE VIDA

EVENTO

FAMÍLIA

GALERIA

HUMOR

MEMÓRIA

MERCADO IMOBILIÁRIO

MODA

MULHER

NA ESTANTE

PERFIL

QUALIDADE DE VIDA

QUALIFICAÇÃO

COLUNISTAS

ARTICULISTAS

entrevista

 | Aurélio José |
 | fotos: Eugênio Gurgel |

DECISÃO HISTÓRICA

O renomado geneticista Sérgio Danilo Pena comemora a liberação das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil e acredita que um dos principais conceitos julgados na ocasião foi a separação de Igreja e Estado



Considerado um dos geneticistas mais importantes do país, o médico e professor Sérgio Danilo Pena recebeu a equipe da revista Encontro em seu apartamento, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte, e conversou sobre temas polêmicos que envolvem a ciência no país, sobre suas últimas pesquisas, política, entre outros assuntos. Comemorou a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que liberou as pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. "Foi uma decisão histórica", afirmou. Ele falou também sobre as perspectivas de cura para doenças como o diabetes, o conceito de vida e morte, aborto e teste de paternidade. Pena e sua equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pioneiros nos

testes de DNA para confirmar paternidade na América Latina, trabalham em várias linhas de pesquisas e foram responsáveis também pelo primeiro Projeto Genoma feito no Brasil, do *Schistosoma manzoni*.

ENCONTRO – Com a decisão do STF, no final de maio, o Brasil passa a ser o primeiro país da América Latina a permitir as pesquisas com células-tronco embrionárias. Como vê este momento para a ciência brasileira?

Pena – Acho que foi uma decisão histórica. Na verdade, havia três conceitos sendo julgados: o primeiro, o mais estreito, era a célula-tronco propriamente dita e a pesquisa de célula-tronco embrionária; o segundo era quem, afinal de contas, vai regulamentar a ciência no Brasil, e até que ponto os indivíduos que pertencem a organizações de cunho religioso podem interferir no desenvolvimento da ciência; e a terceira, a mais ampla de todas, a separação de Igreja e Estado. Acho que a decisão do STF não poderia ter sido melhor. A comunidade científica é consciente daquilo que pode e deve fazer. Não existe razão para que haja regulamentação extra do cientista por parte das igrejas e religiões, que são várias, nem por parte do próprio governo.

ENCONTRO – Quais os principais impactos para sociedade e meio científico?

Pena – Já existiam no Brasil vários grupos de pesquisa trabalhando com células-tronco embrionárias de animais e com células-tronco de adultos. Agora, a lei vai permitir, imediatamente, que esses grupos possam trabalhar com células-tronco embrionárias humanas. Para tal, eles vão precisar ter acesso a embriões, que estão em clínicas de fertilização assistida, congelados em nitrogênio líquido. A clínica tem que entrar em contato com os pais, obter permissão por escrito e, depois, transferir os embriões para que o laboratório possa derivar a linhagem de células-tronco embrionárias. Não existem no Brasil mais do que quatro ou cinco laboratórios gabaritados para fazer esse trabalho. A expectativa é que isso seja feito lentamente e com muito cuidado. Ou seja, não vai haver uma destruição geral de embriões armazenados no Brasil. A segunda coisa que o público tem que entender é que, basicamente, o que os cientistas conseguiram foi permissão para que sejam iniciadas pesquisas com células-tronco embrionárias e isso não quer dizer que vamos poder traduzir imediatamente essa pesquisa em tratamento. Esses tratamentos vão vir, mas não agora.

ENCONTRO – Em quanto tempo viriam os benefícios?

Pena – Acho que nada vai vir como benefício concreto antes de uns 10 anos. Para que isso chegue à população em forma de tratamento, por exemplo, para o diabetes, infarto, ou doença de Parkinson ou Alzheimer, mais complicadas porque o sistema nervoso é mais complexo, estamos falando de vários anos. Ao mesmo tempo, a pesquisa vai abrir um leque de novas perspectivas. Por exemplo, é bem possível que num futuro próximo possamos conquistar uma etapa científica considerada um sonho: a possibilidade de se pegar uma célula de adulto e fazê-la voltar no tempo do ponto de vista do desenvolvimento e se tornar uma célula-tronco com características de célula-tronco embrionária. Seria uma vantagem tremenda porque poderia gerar, para cada paciente, a própria célula-tronco do indivíduo sem o perigo de haver rejeição imunológica. A segunda vantagem é que você teria uma célula que seria verdadeiramente célula-tronco. A terceira, é que não haveria objeções éticas porque se está obtendo isso a partir de células adultas. Pesquisas têm sido feitas principalmente nos EUA e no Japão, extremamente promissoras.



“Não existe razão para que haja regulamentação extra do cientista por parte das igrejas e religiões, que são várias, nem por parte do próprio governo. A decisão do STF não poderia ter sido melhor”

ENCONTRO – Críticos dessa pesquisa, como a Igreja Católica, argumentam que os estudos com embriões violam a vida humana, trazendo à tona a discussão sobre os limites entre a vida e a morte. Qual é esse limite?

Pena – No Brasil, utilizamos como critério de morte o eletro-encefalograma sem atividade, mas o indivíduo continua vivo. Simplesmente passamos a usar operacionalmente uma definição de morte do ponto de vista legal. Mesmo depois que o indivíduo é enterrado, as unhas continuam a crescer, os pêlos continuam a crescer, quer dizer, ainda existem células vivas dentro daquele corpo. Existe a morte do cidadão, da pessoa, mas não de todo o tecido. O que estamos discutindo do ponto de vista do uso de embrião para gerar células-tronco embrionárias é a relação custo-benefício: o que é melhor, a pesquisa com células-tronco embrionárias, que pode permitir a várias pessoas curas, ou a vida de alguns embriões, que

estão no momento congelados? Isso, de certa maneira, remete a uma outra pergunta: qual é o status moral do embrião? É o mesmo de uma criança?

ENCONTRO – E qual seria o status?

Pena – Imagine um incêndio nesta sala. Em um canto temos um recém-nascido em um berço. No outro, um botijão de nitrogênio líquido com 20 embriões congelados. Ou você salva o recém-nascido ou salva o botijão. Qual dos dois você salvaria?

ENCONTRO – O recém-nascido.

Pena – Se o status moral fosse o mesmo, você deveria salvar o botijão porque estaria salvando 20 vidas. Ao optar por salvar o recém-nascido, percebe-se a diferença. Temos que discutir do ponto de vista concreto de decisões éticas. Ou você possibilita o desenvolvimento do que a gente chama de medicina regenerativa, que é a medicina de regeneração de órgãos, ou mantém os embriões congelados.

ENCONTRO – Como o senhor se posiciona com relação ao aborto?

Pena – São duas discussões diferentes e acho que do ponto de vista de decisões morais devem ser mantidas separadas. Mesmo a decisão da interrupção da gravidez não é uma discussão única, tem várias qualificações. Existe a diferença entre a interrupção de uma gravidez simplesmente porque a mãe não quer a criança, mas o bebê é sadio, e existe a situação com que nós, geneticistas, lidamos, que é a criança que tem doenças graves e incuráveis, associadas com mortalidade precoce e retardo mental, causando limitação da qualidade de vida dela e da família. Há uma diferença muito grande entre interromper uma gravidez na sexta, sétima semana, na qual o bebê é embrião e não um feto, e interromper uma gravidez, vamos supor, com 28 semanas de gravidez, na qual o bebê já teria condições de ser viável.

ENCONTRO – Este ano, comemoram-se 30 anos do primeiro bebê de proveta. O tema também foi polêmico no final da década de 70 e as primeiras crianças consideradas aberrações da natureza. Mas a fertilização in vitro evoluiu e hoje temos técnicas cada vez mais avançadas e pais realizados. Pode-se dizer que a ciência mudou o comportamento da sociedade?

Pena – Na verdade, em várias épocas a ciência enfrentou objeções. O cirurgião que fez a primeira cirurgia cardíaca enfrentou resistências de outros médicos que diziam: 'Deus não permitiria ao homem operar no coração de outro homem'. Depois, quando Christian Barnard veio com o transplante de coração, a mesma coisa. Quando veio o bebê de proveta, outra objeção. A sociedade tem demonstrado enorme maturidade nesses casos e capacidade de assimilação de novas maneiras de pensar. Não acho de modo algum que a sociedade de hoje, que aceita a cirurgia cardíaca, o transplante cardíaco e a fertilização assistida seja uma sociedade defeituosa do ponto de vista ético ou moral. Temos, certamente, uma sociedade muito melhor que a alemã, que permitiu o holocausto. Mataram seis milhões de pessoas. Não

estamos nem falando de embrião e, sim, de pessoas.

ENCONTRO – Então a polêmica em torno das pesquisas com células-tronco embrionárias deve ser passageira?

Pena – Tenho absoluta certeza de que em dez anos essa discussão vai estar encerrada. A partir do momento em que se têm os benefícios que serão trazidos por essa técnica, inevitavelmente a sociedade vai ver a vantagem disso. Outra coisa importante é que temos a idéia de que todas essas células-tronco, esses embriões congelados seriam crianças, mas, provavelmente, a grande maioria delas jamais chegaria a ser.



“O Congresso, num momento de lucidez, que não é muito freqüente, resolveu não perpetuar a CPMF. Agora, o Lula vem com esse papo de criar uma nova CPMF. Acho que, de novo, ela nunca vai ser usada para a saúde”

ENCONTRO – Por quê?

Pena – Porque os pais não querem mais crianças e, na verdade, os embriões vão ficar nesse estado de suspensão animada. A partir do momento em que você congelou um embrião, a viabilidade dele também está ameaçada. Pelo próprio processo de congelamento e outras variáveis.

ENCONTRO – O nascimento da ovelha Dolly foi um acontecimento que marcou a era da clonagem. Hoje, pouco se fala sobre clonagem. Por quê?

Pena – Estamos falando de algo que aconteceu em 1987. Certamente, aquele foi um momento fundamental porque foi a prova absoluta de que uma célula adulta pode se desdiferenciar e se tornar uma célula-tronco embrionária. Na época, participei de debates muito sérios e, hoje, olhamos isso quase como uma curiosidade. O debate era se deveria ou não haver a clonagem de humanos. Hoje em dia, ele foi totalmente abandonado. Isso porque, quando a Dolly foi feita, ela foi uma de mais de 300 tentativas. Foi a única que deu certo. Depois que ela nasceu, ninguém nunca mais conseguiu clonar uma ovelha. Já foram clonados camundongos, bovinos, inclusive no Brasil. Descobriu-se que o clone dar certo é exceção e não regra. Não só os clones são difíceis de ser obtidos, mas também morrem com muita facilidade durante a gestação e após nascer. Outra descoberta foi que não era simplesmente uma questão de clonar ou não um humano. Pode-se clonar um humano e terminar com um bebê com má formação múltipla. Do ponto de vista ético, isso impossibilita qualquer tentativa de clonagem humana para gerar uma criança.

ENCONTRO – O governo federal voltou a discutir a criação de um novo imposto para angariar verbas para a saúde, a exemplo da extinta CPMF. Qual sua avaliação dessa política para a saúde pública no Brasil?

Pena – A CPMF foi criada pelo ministro da Saúde Adib Jatene na época como um imposto para custear a saúde. Nunca foi usado para isso. O Congresso, num momento de lucidez, que não é muito freqüente, resolveu não perpetuar a CPMF. Agora, o Lula inventou esse papo novamente de criar uma nova CPMF. Acho que, de novo, provavelmente, nunca vai ser usada para a saúde. E vários estudos têm mostrado que impostos do tipo da CPMF deveriam ser usados não como impostos adicionais, mas como alternativas aos impostos vigentes. Poderia se fazer toda uma estrutura tributária baseada em impostos

desse tipo, que na verdade seriam talvez até mais justos do ponto de vista social do que o Imposto de Renda.

ENCONTRO – Em um artigo na sua coluna Deriva Genética, na Ciência Hoje On-line, o senhor afirma que a deriva, para explicar o título da coluna, lembra o nosso país, ou seja, sem governo, ao sabor dos acontecimentos. É esta sua percepção do governo atual?

Pena – Aquilo foi uma coisa mais espirituosa de se falar. Mas, não tenho dúvida nenhuma, que o governo Lula tem sido bem-sucedido, porque temos que usar como medida de sucesso os indicadores econômicos e o grau de aceitação popular. Então, quem sou eu para criticar o governo Lula. Mas é incrível como certas coisas ficam meio soltas. Outra questão é que temos também a separação de poder. Não é só o Executivo que manda, embora o presidente tenha poderes quase ditatoriais no Brasil para dirigir o país por meio de medidas provisórias. Mas o Congresso tem sua parte. Voltando ao presidente, de vez em quando ele deixa as coisas meio soltas. Ele cuidou muito bem da economia, amarrou-a e deu para o Henrique Meirelles. Falou: você põe o Banco Central fora do mundo político. Aquilo se tornou uma esfera puramente técnica e os políticos não têm nenhuma ingerência no Banco Central. Acho que foi uma boa coisa que ele fez. Mas, por exemplo, em termos de política ambiental, o Brasil não tem nenhuma. Ele está totalmente à deriva, não está?

ENCONTRO – O exame de DNA para fins de identificação pessoal e determinação de paternidade é considerado o maior avanço do século na área forense. Seria um exemplo de como na prática a ciência pode trazer soluções para o dia-a-dia da sociedade?

Pena – Nós fomos a primeira empresa da América Latina a oferecer o teste de paternidade, em 1988. Trouxemos esta tecnologia para cá e, atualmente, existe, talvez, mais de uma dúzia de empresas oferecendo o serviço no Brasil todo. Acho que a introdução do teste de paternidade por DNA praticamente revolucionou o Direito de Família no Brasil. Os casos que se arrastavam na Justiça por anos e anos agora têm soluções ultra-rápidas com os testes de DNA.

ENCONTRO – Há casos como o do vice-presidente José Alencar que está sendo obrigado a fazer o exame de DNA para confirmar suposta paternidade da professora Rosemary de Moraes. O exame foi realizado no laboratório Gene?

Pena – O fato de ser o presidente do Gene me impede de discutir casos específicos, se nós fizemos ou não fizemos, ou casos que possam estar tramitando teoricamente ou realizados no Gene. Mas podemos ainda, lidando apenas com que a imprensa divulgou amplamente, pegar dois casos que mostram posições pessoais de figuras públicas. De certa maneira isso tem refletido sobre essas pessoas. Uma delas é o Pelé. Ele optou por contestar exames de DNA, e acho que tem refletido negativamente sobre ele. Outra seria o Roberto Carlos, que é uma pessoa que, de acordo com a imprensa, em todos os casos em que têm aparecido pretensos filhos, ele tem feito o teste e agido de acordo com o resultado. Isso reflete, acho que

positivamente, para a imagem pública dele. É uma análise complexa porque já existe resolução do STJ de que a recusa do indivíduo em fazer o teste de paternidade pode ser interpretada como confissão de culpa. Não acho que isso seja uma alternativa que recomendaria as pessoas. Já tivemos casos em que o indivíduo não queria fazer o teste e, finalmente o juiz deixou claro que se não o fizesse, ele perderia a ação. Ele fez o teste e foi excluído; achava que era o pai e não era. O DNA reflete a verdade biológica. Eu não sei o que se passa na cabeça das pessoas, mas se eu tivesse um filho biológico eu gostaria de apoiar aquele filho, não gostaria de virar as costas para ele. Então, cada cabeça uma sentença.



COLUNA DIÁRIA DO PCO

JUNHO DE 2008

BRASIL

CAPA

CAPA 02

CARTA DO EDITOR

CARTAS

CIDADE

COMPORTAMENTO

ECONOMIA

EDUCAÇÃO

ENTREVISTA

ESTÉTICA

ESTILO DE VIDA

EVENTO

FAMÍLIA

GALERIA

HUMOR

MEMÓRIA

MERCADO IMOBILIÁRIO

MODA

MULHER

NA ESTANTE

PERFIL

QUALIDADE DE VIDA

QUALIFICAÇÃO

COLUNISTAS

ARTICULISTAS

entrevista

 | Aurélio José |
 | fotos: Eugênio Gurgel |

DECISÃO HISTÓRICA

O renomado geneticista Sérgio Danilo Pena comemora a liberação das pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil e acredita que um dos principais conceitos julgados na ocasião foi a separação de Igreja e Estado



Considerado um dos geneticistas mais importantes do país, o médico e professor Sérgio Danilo Pena recebeu a equipe da revista Encontro em seu apartamento, no bairro de Lourdes, em Belo Horizonte, e conversou sobre temas polêmicos que envolvem a ciência no país, sobre suas últimas pesquisas, política, entre outros assuntos. Comemorou a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), que liberou as pesquisas com células-tronco embrionárias no Brasil. “Foi uma decisão histórica”, afirmou. Ele falou também sobre as perspectivas de cura para doenças como o diabetes, o conceito de vida e morte, aborto e teste de paternidade. Pena e sua equipe de pesquisadores da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), pioneiros nos

testes de DNA para confirmar paternidade na América Latina, trabalham em várias linhas de pesquisas e foram responsáveis também pelo primeiro Projeto Genoma feito no Brasil, do *Schistosoma manzoni*.

ENCONTRO – Com a decisão do STF, no final de maio, o Brasil passa a ser o primeiro país da América Latina a permitir as pesquisas com células-tronco embrionárias. Como vê este momento para a ciência brasileira?

Pena – Acho que foi uma decisão histórica. Na verdade, havia três conceitos sendo julgados: o primeiro, o mais estreito, era a célula-tronco propriamente dita e a pesquisa de célula-tronco embrionária; o segundo era quem, afinal de contas, vai regulamentar a ciência no Brasil, e até que ponto os indivíduos que pertencem a organizações de cunho religioso podem interferir no desenvolvimento da ciência; e a terceira, a mais ampla de todas, a separação de Igreja e Estado. Acho que a decisão do STF não poderia ter sido melhor. A comunidade científica é consciente daquilo que pode e deve fazer. Não existe razão para que haja regulamentação extra do cientista por parte das igrejas e religiões, que são várias, nem por parte do próprio governo.

ENCONTRO – Quais os principais impactos para sociedade e meio científico?

Pena – Já existiam no Brasil vários grupos de pesquisa trabalhando com células-tronco embrionárias de animais e com células-tronco de adultos. Agora, a lei vai permitir, imediatamente, que esses grupos possam trabalhar com células-tronco embrionárias humanas. Para tal, eles vão precisar ter acesso a embriões, que estão em clínicas de fertilização assistida, congelados em nitrogênio líquido. A clínica tem que entrar em contato com os pais, obter permissão por escrito e, depois, transferir os embriões para que o laboratório possa derivar a linhagem de células-tronco embrionárias. Não existem no Brasil mais do que quatro ou cinco laboratórios gabaritados para fazer esse trabalho. A expectativa é que isso seja feito lentamente e com muito cuidado. Ou seja, não vai haver uma destruição geral de embriões armazenados no Brasil. A segunda coisa que o público tem que entender é que, basicamente, o que os cientistas conseguiram foi permissão para que sejam iniciadas pesquisas com células-tronco embrionárias e isso não quer dizer que vamos poder traduzir imediatamente essa pesquisa em tratamento. Esses tratamentos vão vir, mas não agora.

ENCONTRO – Em quanto tempo viriam os benefícios?

Pena – Acho que nada vai vir como benefício concreto antes de uns 10 anos. Para que isso chegue à população em forma de tratamento, por exemplo, para o diabetes, infarto, ou doença de Parkinson ou Alzheimer, mais complicadas porque o sistema nervoso é mais complexo, estamos falando de vários anos. Ao mesmo tempo, a pesquisa vai abrir um leque de novas perspectivas. Por exemplo, é bem possível que num futuro próximo possamos conquistar uma etapa científica considerada um sonho: a possibilidade de se pegar uma célula de adulto e fazê-la voltar no tempo do ponto de vista do desenvolvimento e se tornar uma célula-tronco com características de célula-tronco embrionária. Seria uma vantagem tremenda porque poderia gerar, para cada paciente, a própria célula-tronco do indivíduo sem o perigo de haver rejeição imunológica. A segunda vantagem é que você teria uma célula que seria verdadeiramente célula-tronco. A terceira, é que não haveria objeções éticas porque se está obtendo isso a partir de células adultas. Pesquisas têm sido feitas principalmente nos EUA e no Japão, extremamente promissoras.



“Não existe razão para que haja regulamentação extra do cientista por parte das igrejas e religiões, que são várias, nem por parte do próprio governo. A decisão do STF não poderia ter sido melhor”

ENCONTRO – Críticos dessa pesquisa, como a Igreja Católica, argumentam que os estudos com embriões violam a vida humana, trazendo à tona a discussão sobre os limites entre a vida e a morte. Qual é esse limite?

Pena – No Brasil, utilizamos como critério de morte o eletro-encefalograma sem atividade, mas o indivíduo continua vivo. Simplesmente passamos a usar operacionalmente uma definição de morte do ponto de vista legal. Mesmo depois que o indivíduo é enterrado, as unhas continuam a crescer, os pêlos continuam a crescer, quer dizer, ainda existem células vivas dentro daquele corpo. Existe a morte do cidadão, da pessoa, mas não de todo o tecido. O que estamos discutindo do ponto de vista do uso de embrião para gerar células-tronco embrionárias é a relação custo-benefício: o que é melhor, a pesquisa com células-tronco embrionárias, que pode permitir a várias pessoas curas, ou a vida de alguns embriões, que

estão no momento congelados? Isso, de certa maneira, remete a uma outra pergunta: qual é o status moral do embrião? É o mesmo de uma criança?

ENCONTRO – E qual seria o status?

Pena – Imagine um incêndio nesta sala. Em um canto temos um recém-nascido em um berço. No outro, um botijão de nitrogênio líquido com 20 embriões congelados. Ou você salva o recém-nascido ou salva o botijão. Qual dos dois você salvaria?

ENCONTRO – O recém-nascido.

Pena – Se o status moral fosse o mesmo, você deveria salvar o botijão porque estaria salvando 20 vidas. Ao optar por salvar o recém-nascido, percebe-se a diferença. Temos que discutir do ponto de vista concreto de decisões éticas. Ou você possibilita o desenvolvimento do que a gente chama de medicina regenerativa, que é a medicina de regeneração de órgãos, ou mantém os embriões congelados.

ENCONTRO – Como o senhor se posiciona com relação ao aborto?

Pena – São duas discussões diferentes e acho que do ponto de vista de decisões morais devem ser mantidas separadas. Mesmo a decisão da interrupção da gravidez não é uma discussão única, tem várias qualificações. Existe a diferença entre a interrupção de uma gravidez simplesmente porque a mãe não quer a criança, mas o bebê é sadio, e existe a situação com que nós, geneticistas, lidamos, que é a criança que tem doenças graves e incuráveis, associadas com mortalidade precoce e retardo mental, causando limitação da qualidade de vida dela e da família. Há uma diferença muito grande entre interromper uma gravidez na sexta, sétima semana, na qual o bebê é embrião e não um feto, e interromper uma gravidez, vamos supor, com 28 semanas de gravidez, na qual o bebê já teria condições de ser viável.

ENCONTRO – Este ano, comemoram-se 30 anos do primeiro bebê de proveta. O tema também foi polêmico no final da década de 70 e as primeiras crianças consideradas aberrações da natureza. Mas a fertilização in vitro evoluiu e hoje temos técnicas cada vez mais avançadas e pais realizados. Pode-se dizer que a ciência mudou o comportamento da sociedade?

Pena – Na verdade, em várias épocas a ciência enfrentou objeções. O cirurgião que fez a primeira cirurgia cardíaca enfrentou resistências de outros médicos que diziam: 'Deus não permitiria ao homem operar no coração de outro homem'. Depois, quando Christian Barnard veio com o transplante de coração, a mesma coisa. Quando veio o bebê de proveta, outra objeção. A sociedade tem demonstrado enorme maturidade nesses casos e capacidade de assimilação de novas maneiras de pensar. Não acho de modo algum que a sociedade de hoje, que aceita a cirurgia cardíaca, o transplante cardíaco e a fertilização assistida seja uma sociedade defeituosa do ponto de vista ético ou moral. Temos, certamente, uma sociedade muito melhor que a alemã, que permitiu o holocausto. Mataram seis milhões de pessoas. Não

estamos nem falando de embrião e, sim, de pessoas.

ENCONTRO – Então a polêmica em torno das pesquisas com células-tronco embrionárias deve ser passageira?

Pena – Tenho absoluta certeza de que em dez anos essa discussão vai estar encerrada. A partir do momento em que se têm os benefícios que serão trazidos por essa técnica, inevitavelmente a sociedade vai ver a vantagem disso. Outra coisa importante é que temos a idéia de que todas essas células-tronco, esses embriões congelados seriam crianças, mas, provavelmente, a grande maioria delas jamais chegaria a ser.



“O Congresso, num momento de lucidez, que não é muito freqüente, resolveu não perpetuar a CPMF. Agora, o Lula vem com esse papo de criar uma nova CPMF. Acho que, de novo, ela nunca vai ser usada para a saúde”

ENCONTRO – Por quê?

Pena – Porque os pais não querem mais crianças e, na verdade, os embriões vão ficar nesse estado de suspensão animada. A partir do momento em que você congelou um embrião, a viabilidade dele também está ameaçada. Pelo próprio processo de congelamento e outras variáveis.

ENCONTRO – O nascimento da ovelha Dolly foi um acontecimento que marcou a era da clonagem. Hoje, pouco se fala sobre clonagem. Por quê?

Pena – Estamos falando de algo que aconteceu em 1987. Certamente, aquele foi um momento fundamental porque foi a prova absoluta de que uma célula adulta pode se desdiferenciar e se tornar uma célula-tronco embrionária. Na época, participei de debates muito sérios e, hoje, olhamos isso quase como uma curiosidade. O debate era se deveria ou não haver a clonagem de humanos. Hoje em dia, ele foi totalmente abandonado. Isso porque, quando a Dolly foi feita, ela foi uma de mais de 300 tentativas. Foi a única que deu certo. Depois que ela nasceu, ninguém nunca mais conseguiu clonar uma ovelha. Já foram clonados camundongos, bovinos, inclusive no Brasil. Descobriu-se que o clone dar certo é exceção e não regra. Não só os clones são difíceis de ser obtidos, mas também morrem com muita facilidade durante a gestação e após nascer. Outra descoberta foi que não era simplesmente uma questão de clonar ou não um humano. Pode-se clonar um humano e terminar com um bebê com má formação múltipla. Do ponto de vista ético, isso impossibilita qualquer tentativa de clonagem humana para gerar uma criança.

ENCONTRO – O governo federal voltou a discutir a criação de um novo imposto para angariar verbas para a saúde, a exemplo da extinta CPMF. Qual sua avaliação dessa política para a saúde pública no Brasil?

Pena – A CPMF foi criada pelo ministro da Saúde Adib Jatene na época como um imposto para custear a saúde. Nunca foi usado para isso. O Congresso, num momento de lucidez, que não é muito freqüente, resolveu não perpetuar a CPMF. Agora, o Lula inventou esse papo novamente de criar uma nova CPMF. Acho que, de novo, provavelmente, nunca vai ser usada para a saúde. E vários estudos têm mostrado que impostos do tipo da CPMF deveriam ser usados não como impostos adicionais, mas como alternativas aos impostos vigentes. Poderia se fazer toda uma estrutura tributária baseada em impostos

desse tipo, que na verdade seriam talvez até mais justos do ponto de vista social do que o Imposto de Renda.

ENCONTRO – Em um artigo na sua coluna Deriva Genética, na Ciência Hoje On-line, o senhor afirma que a deriva, para explicar o título da coluna, lembra o nosso país, ou seja, sem governo, ao sabor dos acontecimentos. É esta sua percepção do governo atual?

Pena – Aquilo foi uma coisa mais espirituosa de se falar. Mas, não tenho dúvida nenhuma, que o governo Lula tem sido bem-sucedido, porque temos que usar como medida de sucesso os indicadores econômicos e o grau de aceitação popular. Então, quem sou eu para criticar o governo Lula. Mas é incrível como certas coisas ficam meio soltas. Outra questão é que temos também a separação de poder. Não é só o Executivo que manda, embora o presidente tenha poderes quase ditatoriais no Brasil para dirigir o país por meio de medidas provisórias. Mas o Congresso tem sua parte. Voltando ao presidente, de vez em quando ele deixa as coisas meio soltas. Ele cuidou muito bem da economia, amarrou-a e deu para o Henrique Meirelles. Falou: você põe o Banco Central fora do mundo político. Aquilo se tornou uma esfera puramente técnica e os políticos não têm nenhuma ingerência no Banco Central. Acho que foi uma boa coisa que ele fez. Mas, por exemplo, em termos de política ambiental, o Brasil não tem nenhuma. Ele está totalmente à deriva, não está?

ENCONTRO – O exame de DNA para fins de identificação pessoal e determinação de paternidade é considerado o maior avanço do século na área forense. Seria um exemplo de como na prática a ciência pode trazer soluções para o dia-a-dia da sociedade?

Pena – Nós fomos a primeira empresa da América Latina a oferecer o teste de paternidade, em 1988. Trouxemos esta tecnologia para cá e, atualmente, existe, talvez, mais de uma dúzia de empresas oferecendo o serviço no Brasil todo. Acho que a introdução do teste de paternidade por DNA praticamente revolucionou o Direito de Família no Brasil. Os casos que se arrastavam na Justiça por anos e anos agora têm soluções ultra-rápidas com os testes de DNA.

ENCONTRO – Há casos como o do vice-presidente José Alencar que está sendo obrigado a fazer o exame de DNA para confirmar suposta paternidade da professora Rosemary de Moraes. O exame foi realizado no laboratório Gene?

Pena – O fato de ser o presidente do Gene me impede de discutir casos específicos, se nós fizemos ou não fizemos, ou casos que possam estar tramitando teoricamente ou realizados no Gene. Mas podemos ainda, lidando apenas com que a imprensa divulgou amplamente, pegar dois casos que mostram posições pessoais de figuras públicas. De certa maneira isso tem refletido sobre essas pessoas. Uma delas é o Pelé. Ele optou por contestar exames de DNA, e acho que tem refletido negativamente sobre ele. Outra seria o Roberto Carlos, que é uma pessoa que, de acordo com a imprensa, em todos os casos em que têm aparecido pretensos filhos, ele tem feito o teste e agido de acordo com o resultado. Isso reflete, acho que

positivamente, para a imagem pública dele. É uma análise complexa porque já existe resolução do STJ de que a recusa do indivíduo em fazer o teste de paternidade pode ser interpretada como confissão de culpa. Não acho que isso seja uma alternativa que recomendaria as pessoas. Já tivemos casos em que o indivíduo não queria fazer o teste e, finalmente o juiz deixou claro que se não o fizesse, ele perderia a ação. Ele fez o teste e foi excluído; achava que era o pai e não era. O DNA reflete a verdade biológica. Eu não sei o que se passa na cabeça das pessoas, mas se eu tivesse um filho biológico eu gostaria de apoiar aquele filho, não gostaria de virar as costas para ele. Então, cada cabeça uma sentença.

ATENDIMENTO@REVISTAENCONTRO.COM.BR - 31 2126 - 8770

© COPYRIGHT 2006 ENCONTRO IMPORTANTE EDITORA LTDA

